

# Carlos Drummond de Andrade – A Goeldi

De uma cidade vulturina  
vieste a nós, trazendo  
o ar de suas avenidas de assombro  
onde vagabundos peixes esqueletos  
rodopiam ou se postam em frente a casas inabitáveis  
mas entupidas de tua coleção de segredos,  
ó Goeldi: pesquisador da noite moral sob a noite física.

Ainda não desembarcaste de todo  
e não desembarcarás nunca.  
Exílio e memória porejam das madeiras  
em que inflexivelmente penetras para extrair  
o vitríolo das criaturas  
condenadas ao mundo.

És metade sombra ou todo sombra?  
Tuas relações com a luz como se tecem?  
Amarias talvez, preto no preto,  
fixar um novo sol, noturno; e denúncias  
as diferentes espécies de treva  
em que os objetos se elaboram:  
a treva do entardecer e a da manhã;  
a erosão do tempo no silêncio;  
a irreabilidade do real.

Estás sempre inspecionando  
as nuvens e a direção dos ciclones.  
Céu nublado, chuva incessante, atmosfera de chumbo  
são elementos de teu reino  
onde a morte de guarda-chuva  
comanda  
poças de solidão, entre urubus.

Tão solitário, Goeldi! mas pressinto  
no glauco reflexo furtivo  
que lambe a canoa de teu pescador  
e na tarja sanguínea a irromper, escândalo, de teus negrumes  
uma dádiva de ti à vida.

Não sinistra,  
mas violenta  
e meiga,  
destas cores compõe-se a rosa em teu louvor.

**Carlos Drummond de Andrade, A vida passada a limpo**